

LOUCOS DE LISBOA

João Monge / João Gil
Arr.: Jorge Alves

Ao CORAL LUISA TODI - Nov/2006

Soprano

1- Pa-ra-va no ca - fé quan-do eu lá-está-va Na voz ti-nhao ta - len - to dos pe-
 2-o o - lhar da mes - ma cor Cin-zen-ta co-mo a rou - pa que tra-
 3-Umdianu- ma sa - la do qu-ar - te - to pas - sou um fil - me lá do hos-
 4-mos a en - tra-da p'rá ses-são pra ver tal per - so - na-gem no
 5-Mu-dá-mos mui-ta vez de ca-len-dá - rio Co - mo ca-fé mu-dou de fre-
 6-mes-ma po - sejo mes-mo o - lhar De quem não mede os di - as que va-

Contralto

Tenor

Bass

1- Pa-ra-va no ca - fé quan-do eu lá-está-va Na voz ti-nhao ta - len - to dos pe-
 2-o o - lhar da mes - ma cor Cin-zen-ta co-mo a rou - pa que tra-
 3-Umdianu- ma sa - la do qu-ar - te - to pas - sou um fil - me lá do hos-
 4-mos a en - tra-da p'rá ses-são pra ver tal per - so - na-gem no
 5-Mu-dá-mos mui-ta vez de ca-len-dá - rio Co - mo ca-fé mu-dou de fre-
 6-a mes-ma po - sejo mes-mo o - lhar De quem não me-de os di - as que va-

S

5

1

-din-tes Entre um ci-ga-rrro e ou-tro lá cra-va-va A bi - ca, ao me-lhor dos seus ou-vin-tes. 2-As mãos e
 -tra-zia Num gesto que po-di-a ser de a-mor So-rrri-a, e ao par-tir agra-de-
 -pi-tal On-de esque-ci-do fil-ma-do no gue-to En-tra-va co mo ar-tis-ta prin-ci-pal. 4-Com-pra-
 é-cran O ros-to mal-tra-ta-do era a ra-zão De ele não a - pa-re- cer pe-la
 -gue-sia Dei-xá-mos de tri-bu-to a quem lá pá - ra Um lou-co a fa - zer-lhe com - pa-nhia. 6 - É sem-pre
 -guei-am Sen-ta-do lá con-ti-nu-a a cra-var Bei-ji-nhos às me-ni-nas que pa-

C

T

B

-din-tes Entre um ci-ga-rrro e ou-tro lá cra-va-va A bi - ca, ao me-lhor dos seus ou-vin-tes. 2-As mãos e
 -tra-zia Num gesto que po-di-a ser de a-mor So-rrri-a, e ao par-tir agra-de-
 -pi-tal On-de esque-ci-do fil-ma-do no gue-to En-tra-va co mo ar-tis-ta prin-ci-pal. 4-Com-pra-
 é-cran O ros-to mal-tra-ta-do era a ra-zão De ele não a - pa-re- cer pe-la
 -gue-sia Dei-xá-mos de tri-bu-to a quem lá pá - ra Um lou-co a fa - zer-lhe com - pa-nhia. 6 - É sem-pre
 -guei-am Sen-ta-do lá con-ti-nu-a a cra-var Bei-ji-nhos às me-ni-nas que pa-

10

2

S
2 - ci - a. São os lou - cos de Lis - bo - a Que nos fa - zem du - vi - da - ar A Te - rra
4 - ma - nhã.
6 - sse - iam.

C
- ci - a. São os lou - cos Que nos fa - zem du - vi dar A Te - rra go con -

T
8 - ci - a. São os lou - cos Que nos fa - zem du - vi dar A Te - rra go con -

B
- ci - a. São os lou - cos Que nos fa - zem du - vi - dar A Te - rra go con -

2 x
D.C.

15

S
gira ao con - trá - rio E os ri - os nas - cem no mar São os lou -

C
trá - rio E os ri - os nas - cem nas - cem no mar São os lou -

T
8 trá - rio E os ri - os nas - cem nas - cem no mar São os lou -

B
trá - rio E os ri - os nas - cem no mar São os lou -

I Parava no café quando eu lá estava
Na voz tinha o talento dos pedintes
Entre um cigarro e outro lá cravava
A bica, ao melhor dos seus ouvintes

II As mãos e o olhar da mesma cor
Cinzenta como a roupa que trazia
Num gesto que podia ser de amor
Sorria, e ao partir agradecia

[Refrão]

São os loucos de Lisboa
Que nos fazem duvidar
A Terra gira ao contrário
E os rios nascem no mar

III Um dia numa sala do quarteto
Passou um filme lá do hospital
O rosto maltratado era a razão
Entrava como artista principal

IV Comprámos a entrada p'ra sessão
Pra ver tal personagem no écran
O rosto maltratado era a razão
De ele não aparecer pela manhã

[Refrão]

V Mudámos muita vez de calendário
Como o café mudou de freguesia
Deixámos de tributo a quem lá pára
Um louco a fazer-lhe companhia

VI É sempre a mesma pose o mesmo olhar
De quem não mede os dias que vagueiam
Sentado lá continua a cravar
Beijinhos às meninas que passeiam.

[Refrão]